

Correio do Norte
Entrevista com Jesus Cristo - 3 e 9

Se Ele hoje andasse por aqui, que diria?



Incomoda-o que haja tantos romances de ficção sobre a sua vida?

Pois, olhem, que não me incomoda nada. E sabem porquê? É que a maior parte do tempo que vivi entre os meus conterrâneos, levei uma vida super-normal. Nasci em Belém, donde se dizia que nada de relevante sairia dali. Fui apresentado como um “filho de um carpinteiro” e de uma mulher de nome Maria, bem conhecidos de todos os da minha aldeia.

Por outro lado, também não fui escritor. Não deixei nada escrito. A única vez que escrevi, foi no chão, a propósito de uma mulher acusada de adultério. Mas, decerto que alguém passou por cima dessa escrita, e pronto.

Foi assim que, durante cerca de 30 anos, a minha vida foi tão obscura que, posteriormente, até foi designada como uma “vida oculta”.

Por tudo isso, é que, não me espanta nada que, quem pretender inventar coisas sobre a minha vida, seja para romances de ficção ou para simples histórias mais ou menos edificantes, tenha sempre campo aberto para esse efeito.

O que me apetece dizer é que estou grato àqueles que conviveram comigo durante os últimos anos da minha vida na terra e que sentiram que a experiência que vivemos juntos mudou as suas vidas, tendo vislumbrado ali, o que seria viver neste mundo ao jeito de Deus. Isso fez com que alguns deles, dentro das suas possibilidades e sem pretensões de rigor histórico sobre a minha vida, preferissem deixar aos vindouros o necessário para perceberem o significado que para eles tiveram as palavras, os acontecimentos e o convívio que nos uniu.

Eis aí o que mexeu tanto com eles que foram capazes de se tornarem mártires do que viram e ouviram. É por isso que, para mim, acho que, quem me quiser conhecer de verdade, basta que escute o que os meus amigos deixaram nos chamados “evangelhos”, já que, escritos de ficção a meu respeito, sempre houve e, certamente, continuará a haver.

E a proliferação de seitas em seu nome?

Quanto à proliferação de seitas em meu nome, embora não ache grande piada, penso que era inevitável. É que, como escreveram os meus amigos dos quatro evangelhos, o que eu fiz, disse e propus não o fiz de mim mesmo, isto é, fi-lo na condição de “Enviado”, ou seja, em nome d’Aquele que me enviou, a saber, o Deus-meu-Pai que me mandou como seu filho.

Ora, nestas coisas de Deus e da religião, as pessoas têm a tentação de ter um Deus e uma religião à sua medida, que lhes dê segurança, certezas absolutas, respostas feitas de uma vez por todas a que se possam agarrar como a lapa à pedra. Precisamente, o Deus que me enviou é um Deus que

não se deixa manipular nem fica sob o controle de ninguém. É um Deus que se deixa encontrar a quem se dispõe a procurá-lo sempre. Ora, isso é um pouco exigente e desinstala-nos. As seitas não gostam disso. Querem ter uma bitola certa, única e segura onde Deus se encaixe e os seus membros se sintam dispensados de se pôr em causa no modo como vivem a sua relação com Deus. Eles estão sempre e só certos. Errados estão sempre os outros. Foi por isso que preferi que os meus seguidores vivessem em forma de “Igreja” e não de “seita”. É que, “Igreja” é assembleia, reunião que inclui a diferença na prática da mesma fé e a pluralidade de caminhos de acesso ao mesmo Deus, coisa que não é possível numa “seita”.

Há quem julgue que andou com os essênios. Que pensa deste grupo religioso?

É verdade que conheci os essênios – uma espécie de monges refractários e críticos de um certo modo de viver a religiosidade centrada à volta do Templo de Jerusalém – e admirei muito o esforço ascético a que se entregavam, tentando emprestar rigor a um outro modo de viver a fé judaica. Sujeitavam-se a muitos rituais de purificação demonstrando que podiam viver a fé sem dependência das práticas institucionais típicas do templo de Jerusalém.

Contudo, apesar de os admirar, não me identifiquei com o seu posicionamento religioso, enquanto marcado por um acentuado rigorismo e radicalismo em termos religiosos e ascéticos.

Para mim, sempre foi claro que sobriedade de vida não é incompatível com o gosto de viver e de ser feliz. Sempre achei que a vida, por vezes, nos leva a ser capazes de sofrer ou sacrificar-nos por amor, mas nunca fui a favor do amor do sacrifício nem do sofrimento. Talvez por isso, ao contrário dos essênios, chegaram a apelidar-me de “glutão” e de não andar sempre a fazer a apologia dos “jejuns” e penitências, a propósito de tudo e de nada

Ainda lhe parece que valeu a pena o que sofreu por ter sido o mensageiro de Deus?

Claro que, apesar de todos os descaminhos e desvios que em meu nome se cometeram ao longo dos tempos, por aqueles que se reclamam de mim, acho que valeu a pena ter passado por tudo o que passei. Primeiro, porque inumeráveis foram e são os que procuraram andar pelos meus caminhos. Em segundo lugar, porque, vivendo o que vivi, deixei uma porta aberta de uma vida outra – marcada pelo sentido do dom – ao alcance de todos os que queiram entrar ou sair por ela.

Quando pensa em nós (e pensa sempre, sem dúvida), fá-lo como

Deus ou como Homem?

Se alguma coisa me distinguiu entre todos os seres humanos foi o ter revelado o jeito divino de viver o humano. Daí que em mim, não consigo separar o humano do divino pelo que, quando penso em tudo o que é humano, não consigo fazê-lo senão com os olhos da carne que o divino fez seus.

Como sentiu o abandono de dez dos doze que escolhera, sendo que o único que se insurgiu contra a sua condenação foi aquele que o entregou à prisão? (E só as mulheres que o seguiram desde a Galileia o acompanharam até ao fim...)

Ninguém gosta de se sentir abandonado pelos que lhe são mais próximos, sobretudo nos momentos difíceis e decisivos da nossa vida. É uma experiência muito dolorosa. Mas foi, precisamente, a minha experiência do que é o ser humano que me fez compreender até onde pode ir a fragilidade humana. Realmente, só um grupo de mulheres nunca me abandonou ou esteve comigo até ao fim. Foi isso que ninguém esperava e que muita gente, incluindo romancistas, costumam a engolir. É que, comigo, as mulheres fizeram a diferença. Elas que, no meu tempo e no meu país, nem sequer eram dignas de aprender e de se instruir na “Lei”, nem podiam ser discípulas de nenhum Rabino e, muito menos, servir de testemunhas num tribunal, fizeram-se não só minhas discípulas e, mais do que isso, foram as primeiras *testemunhas* da minha Ressurreição. Foram elas que a anunciaram aos meus discípulos. Tivesse eu me limitado a casar com a Madalena ou outra qualquer delas, como seria de esperar, e os romancistas ter-se-iam desinteressado completamente dos meus problemas afectivos. Como não andei sempre pelos trilhos do costume, toca de inventar...

Que lhe parece mais tolerável: um ateu honesto ou um cristão água morna?

Uma das indicações que deixei aos meus amigos foi que não julgassem para não serem julgados e que não pusessem os “bons” para um lado e os “maus” para o outro. Dito isto, acho que um “ateu honesto” tem sempre, pelo menos, uma vantagem sobre um “cristão água-morna”, que é a de não invocar o meu nome em vão e, assim, não se enganar a si nem a ninguém.

Os que tentamos seguir os seus ensinamentos somos mesmo só cristãos ou judaico-cristãos?

Não posso negar que sou judeu de origem e foi na Religião Judaica que cresci na fé bíblica de Abraão, de Moisés, dos Patriarcas e dos Profetas. Simplesmente, O Judaísmo representou uma determinada interpretação e

modos de expressão daquela fé, que, no domínio religioso, levaram a muitas perversões e a uma determinada visão de Deus que não era a d'Aquele que me enviou. Daí os muitos problemas que tive com a ortodoxia religiosa judaica e com a instituição sinagoga. A instituição religiosa judaica não me reconheceu, fui rejeitado até ao ponto que se sabe e, depois, os meus seguidores judeus acabaram por ser expulsos da Sinagoga pelos mesmos motivos. Assim é que, apesar das raízes comuns com a Religião Judaica, o caminho cristão, o que eu segui, é diferente. De resto, a minha ressurreição foi o modo encontrado por Deus-meu-Pai para dizer ao mundo que o caminho que eu segui não foi o do particularismo judaico, mas uma via capaz de ser seguida por gente de todas as nações em pé de igualdade.

Agora, para terminar a nossa entrevista, peço-lhe uma mensagem especial para as crianças, os jovens, os adultos e idosos de hoje.

Por tudo o que vivi, é que continuo a dizer às crianças de hoje que não tenham medo de ser generosas e não calculistas.

Aos jovens, que tenham a ousadia de ir além do sempre-o-mesmo.

Aos adultos, que aceitem o risco da fé como a aventura das suas vidas com Deus.

Aos idosos, que não tenham receio de testemunhar o gosto pela vida e de ir com confiança ao encontro do Deus da vida.



Quem não gostaria de poder entrevistar Jesus Cristo, o Homem que mais nos disse acerca de Deus? E quem não O admira, ainda que não acredite na Sua origem divina? Nós atrevemo-nos a imaginar umas perguntas que Lhe faríamos se Ele estivesse por cá acessível à curiosidade da imprensa, em vez de Se revelar apenas no mais íntimo daqueles que O procuram de coração limpo. Respondeu em Seu nome um teólogo nosso amigo. E a conversa tornou-se num momento de grande beleza literária e de um suavíssimo sentimento cristão. Provavelmente, se nos sentássemos a dialogar com Jesus num remanso qualquer do Mar da Galileia, não seria muito diferente disto.



*Entrevista
preparada por
Daniel de Sá e
Carlos M. Sousa.
Gravuras de W. Hole
publicadas na obra:
“Vida de Nuestro Señor Jesucristo”,
Madrid, 1916*

